

A DIALÉTICA DA SENHORA E DA EMPREGADA EM *O PRIMO BASÍLIO*:
ANÁLISE DAS PERSONAGENS FEMININAS¹

Daniela Mello Mendonça²
Simone Guerreiro³

RESUMO

O objetivo desse artigo é analisar as personagens femininas Luísa, a patroa, e Juliana, a empregada, do romance *O Primo Basílio*, de Eça de Queiroz, caracterizando as personagens através do confronto de seus atributos principais e os papéis representados na sociedade portuguesa oitocentista. Ao final pretende-se apresentar qual a concepção de mulher apresentada por Eça de Queiroz em sua obra.

Palavras-chave: Literatura Portuguesa. O Primo Basílio. dialética. patroa e empregada.

ABSTRACT

The purpose of this article is to analyze the female characters Luísa, the mistress, and Juliana, the maid, in the novel *O Primo Basílio*, by Eça de Queiroz, establishing their characterization through the confrontation of their main attributes and their roles in nineteenth century Portuguese society. The conclusion intends to present the concept of the woman as portrayed by Eça de Queiroz in his work.

Key words: Portuguese literature. O Primo Basílio. dialectics. mistress and maid.

¹ Trabalho exigido como avaliação parcial da disciplina de Literatura Portuguesa do Instituto Superior Anísio Teixeira - ISAT, originalmente apresentado no formato de monografia.

² Graduanda em Letras - Licenciatura Português/Inglês pelo Instituto Superior Anísio Teixeira - ISAT

³ Professora Mestre em Literatura Portuguesa no Instituto Superior Anísio Teixeira - ISAT

A obra *O Primo Basílio*, escrito por Eça de Queiroz em 1878, é um clássico da literatura portuguesa e retrata a sociedade burguesa da época. Ambientada em Lisboa, Eça escreve sobre um lar tipicamente lisboeta, o de Luísa e Jorge. O casal vive pacatamente até a chegada de Basílio, primo por quem Luísa nutriu sentimentos românticos quando mais jovem. Seduzida por Basílio, Luísa acaba por cair em adultério.

Outra personagem significativa para a construção do enredo é Juliana, uma empregada que nutria muito rancor pelos patrões. Ao descobrir em uma carta o segredo dos dois amantes, Juliana aproveita-se desta revelação e passa a chantagear a patroa. Luísa então passa a aceitar todas as humilhações impostas pela empregada. Com a chegada do marido, que havia viajado a negócios, a situação complica-se ainda mais. Luísa começa a ficar doente, abatida e sem apetite, fato que preocupa e indigna Jorge.

Mas a chantagem prossegue e Luísa, numa tentativa de dar fim ao problema, conta tudo a Sebastião, melhor amigo de Jorge. Sebastião interpela Juliana e consegue recuperar a carta. Juliana, assustada, sofre um ataque cardíaco e morre, o que enche de alegria Luísa.

Entretanto Basílio tinha recebido uma carta de Luísa a pedir-lhe dinheiro para pagar Juliana e recuperar a prova de seu adultério. Ele decide respondê-la tempos depois, prometendo-lhe enviar a quantia necessária para calar a criada. Todavia, esta carta acaba por ser lida por Jorge que, naturalmente, exige explicações à esposa.

Vendo-se desmascarada, Luísa adoece e morre.

Algum tempo depois, Basílio volta a Lisboa e vai até a casa da prima, buscando uma companhia feminina enquanto estivesse na cidade. Lá é informado do falecimento de Luísa, sobre o qual Basílio reage com indiferença. E assim termina *O Primo Basílio*, com a morte da adúltera e a imunidade do canalha, o que, na visão de Eça, era um fiel retrato da sociedade da época.

Há que se observar que a obra foi escrita em um momento em que se consolidava a escola realista-naturalista no país e pode ser considerada uma síntese de alguns dos recursos mais representativos deste estilo. Tais recursos, como a crítica social, a exploração da sexualidade, a construção de personagens com caráter duvidoso, a ironia, as referências pouco lisonjeiras à moral, aos costumes e à religião foram os instrumentos que Eça de Queiroz utilizou para expor e criticar a burguesia provinciana de Lisboa de forma extremamente ácida e contundente.

A primeira edição da obra recebeu o nome de *O Primo Basílio: Episódio Doméstico*. No próprio subtítulo escolhido pelo autor já é possível perceber que o pano de fundo da narrativa será o cotidiano de um lar. No entanto, ao desenvolver o enredo, Eça lança a luz

sobre aquele lar aparentemente feliz e perfeito, e traz à tona a realidade social portuguesa oitocentista: o que realmente há é um lar permeado pela falsidade e hipocrisia. Com a construção desse enredo e a caracterização das personagens, tem o escritor português o intuito de colocar em xeque o casamento, retratando, de forma crítica e irônica, a moral e a ociosidade de uma sociedade que vivia de aparências.

Pode-se afirmar ainda que o Romantismo é aqui duramente criticado por Eça, já que a protagonista Luísa é vítima de suas fantasias, que acabam por afastá-la da realidade de seu casamento e a incapacitam de distinguir amor de desejo. Isto porque o romance aborda a questão determinista da influência do meio sobre o indivíduo, característica elementar do período Realista-Naturalista da literatura portuguesa. Vejamos a representação do determinismo no trecho a seguir:

Às vezes, na sua consciência achava Leopoldina “indecente”; mas tinha um fraco por ela: sempre admirava muito seu corpo, que quase lhe inspirava uma atração física. Depois desculpava-a: era tão infeliz com o marido! Ia atrás da paixão, coitada! E aquela grande palavra, faiscante e misteriosa, de onde a felicidade escorre como a água de uma taça muito cheia, satisfazia Luísa como uma justificação suficiente [...]. (QUEIROZ, 2015, posição 346).⁴

Aqui o determinismo se reflete através do poder que o ambiente decadente e apático exerce sobre as personagens, tornando-as indolentes e estimulando a prevalência dos desejos sexuais sobre os princípios morais e éticos, justificando-se até mesmo o adultério. Aliás, sobre a opinião de Eça acerca do adultério, pode o leitor desavisado entender no início do romance que o autor é favorável à ideia de honra lavada com sangue, introduzida na discussão sobre o final da peça *Honra e Paixão*⁵, escrita pelo personagem Ernestinho. No entanto, sua opinião sobre o assunto é expressa de forma muito clara no *capítulo XXXIII, volume II* da publicação *Uma Campanha Alegre*:

Ou o adultério é um facto fatal da natureza eterna, ou é um facto fatal da moral moderna. No primeiro caso, se elle é a antiga e primitiva lei da promiscuidade animal, que apesar do apuramento nervoso da humanidade, da civilização, do direito, da moral, permanece e impelle pela sua fatalidade physiologica – seria necessário para o extinguir, mudar a própria consituição natural ou esperar mais vinte séculos. No segundo, se elle provém da corrupção do matrimonio e da sua decadência e descrédito como instituição social, se nasce da extincção da fé conjugal nos esposos, se deriva da perversão lançada na dignidade matrimonial pelo idealismo amoroso, se tem a sua origem na moral, então é necessário fazer uma revolução nos costumes tão profunda como foi o christianismo, que nos dê

⁴ A edição utilizada é eletrônica e não há referência de número de página, mas apenas de posição.

⁵ Para trazer a questão do direito do homem traído de lavar a honra com sangue, Eça de Queiroz cria um intertexto com a peça *Honra e Paixão* logo no início do romance.

uma outra religião, outra moral, outra família e outro direito. [...] E porque, ó senhores prosadores, a verdade é esta: entre um folhetim, que condena o adultério, impresso a tinta preta n'um papel amarellado, e um amante vivo, sensível, forte e amado – nenhuma mulher deixará o amante, que é a realidade, para seguir o folhetim, que é linguagem. (QUEIROZ, 1878, p. 117).⁶

O autor não poupou críticas à sociedade sequer no fim escolhido para as personagens de *O Primo Basílio*. O tradicional final feliz dos romances cedeu seu lugar para a morte da esposa adúltera e a imunidade da canalhice da personagem que empresta seu nome ao título da obra, visto que Basílio chega ao final do romance sem qualquer punição. Além disso, a confirmação da imoralidade e canalhice de Basílio é o elemento que descerra o livro, tendo em vista o desdém com que ele reage ao tomar conhecimento da morte de Luísa:

O Visconde Reinaldo, delicado, lamentava a pobre senhora, coitada, que se tinha deixado morrer por um tempo tão lindo! Mas em resumo, sempre achara aquela ligação absurda... Porque enfim fossem francos: que tinha ela? Não queria dizer mal “da pobre senhora que estava naquele horror dos Prazeres”, mas a verdade é que não era uma amante chique; [...] Era um trambolho!
 – Para um ou dois meses que eu estivesse em Lisboa... – resmungou Basílio com a cabeça baixa.[...]
 Ao fundo do Aterro voltaram; e o Visconde Reinaldo passando os dedos pelas suíças:
 – De modo que estás sem mulher...
 Basílio teve um sorriso resignado. E, depois de um silêncio, dando um forte raspão no chão com a bengala:
 – Que ferro! Podia ter trazido a Alphonsine!
 E foram tomar Xerez à Taverna Inglesa. (QUEIROZ, 2015, posição 7758).

Há que se falar ainda da relação existente entre Luísa e Juliana, objeto do presente estudo. Pode-se perceber na forma em que a relação empregatícia é retratada que há uma profunda desconsideração e descortesia da primeira e uma total falta de escrúpulos da segunda. Visivelmente, portanto, uma relação que está para além da relação empregatícia, considerando a flagrante desvalorização de Luísa em relação à Juliana enquanto sujeito, desvalorização esta que atinge a empregada em sua esfera emocional e moral. Por outro lado, em contrapartida, há uma canalização do ódio de Juliana em Luísa como uma espécie de compensação pelas suas frustrações, o que resulta nas ações antiéticas e imorais da serviçal. Passaremos a discorrer sobre a relação entre essas duas personagens, além de suas características mais marcantes.

A MULHER DA ÉPOCA PELA PERSPECTIVA ECIANA

Conforme afirma a teórica Beth Brait em sua obra *A Personagem* (1985, p. 28), as personagens tem como reflexo a pessoa humana e suas categorias estão associadas igualmente

⁶ 1ª edição disponível para consulta no site <http://www.dominipublico.gov.br>, com grafia original.

a um reflexo do contexto social, cultural e psicológico no qual se apresentam. Assim, diante das personagens ecianas de *O Primo Basílio*, percebe-se claramente a opinião do autor acerca da sociedade e da mulher Lisboa do século XIX, expostas não apenas em suas obras ficcionais, mas também no folhetim *Uma Campanha Alegre*⁷. O romancista, em suas publicações, descrevia a típica jovem lisboeta oitocentista como uma criatura frágil e de saúde precária:

A menina solteira! Vejamos o typo geral de Lisboa. É um ser magrito, pallido, mettido dentro de um vestido de grande puff, com um penteado laborioso e espesso, e movendo os passinhos n'uma tal fadiga que mal se comprehende como poderá jamais chegar ao alto do Chiado e da vida. (QUEIROZ, 1891).⁸

Assim, as personagens femininas em *O Primo Basílio* são representações dos modelos femininos da época e instrumento do autor para sua crítica social, visto que retratam, de acordo com sua opinião, mulheres burguesas, frívolas, beatas, frágeis e imorais. Pode-se observar em Luísa a representação da burguesia, da fragilidade física e da fraqueza de caráter. Em Leopoldina impera a imoralidade, com seu comportamento indecente. D. Felicidade, a beata apaixonada pela personagem de Conselheiro Acácio, representa a crítica de Eça ao clero. Já as empregadas Juliana e Joana representam aqueles que não pertencem à burguesia e sim ao povo, sofrendo todas as mazelas que sua condição econômica e social lhes impõe.

Cabe ressaltar que o fato de Eça criar personagens femininas tão frágeis ou, de acordo com os costumes da época, imorais, não é indício de uma possível misoginia por parte do escritor, mas apenas uma impressão negativa sobre o universo feminino em virtude do contexto social em que vivia. Apesar de acreditar que a mulher possuía menos competência intelectual que o homem, defendia que a mulher seria responsável pela educação masculina e pelo destino da humanidade, visto que o valor de uma geração inteira dependeria da educação que recebeu das mães. Dessa forma, seria a mãe a transmitir aos filhos seus valores morais e uma mulher sem princípios não poderia transmitir o que não possui, ficando impossibilitada de educá-los. Ademais, o autor confessa estar preocupado com os possíveis filhos das mulheres portuguesas, pois estas não estariam capacitadas para serem mães. Tal fato teria como efeito uma geração de filhos sem educação, homens e mulheres sem nenhum preparo e que construiriam uma sociedade incapacitada e sem valores.

⁷ QUEIROZ, Eça de. *Uma Campanha Alegre, Volume II*. Lisboa: Companhia Nacional Editora, 1891. *Uma Campanha Alegre* é um conjunto de publicações mensais de autoria de Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, publicadas na Revista *As Farpas* e representam uma caricatura da sociedade da época.

⁸ Grafia conforme a publicação original.

Considerando todos esses elementos, torna-se mais fácil identificar a concepção do autor sobre a mulher da época, que se reflete na construção das duas personagens objeto do presente estudo e que serão analisadas a seguir.

LUÍSA, A PATROA

O Primo Basílio tem como foco narrativo Luísa e tem como reflexo as senhoras dos lares portugueses oitocentistas. Luísa é uma personagem do tipo redondo⁹, sendo, portanto, impossível descrevê-la com poucas palavras. Ela é uma típica mulher burguesa portuguesa: bem nascida, educada para o casamento, afeita à moda, com aspecto frágil, ociosa e moralmente fraca. É casada com Jorge e vive em profundo tédio, buscando como fuga de seu casamento enfadonho os livros de romance. É tratada pelo marido de uma maneira condescendente, posto que ele não acredita em sua capacidade de discernimento e a considera infantil, como extrai-se do trecho a seguir:

A Luísa é um anjo, coitada —dizia Jorge, passeando pela saleta, mas tem coisas em que é criança! Não vê o mal. É muito boa; deixa-se ir. [...] É acanhamento, é bondade. Ele compreende-se! Mas enfim as leis da vida têm as suas exigências!...[...] Por isso, Sebastião, enquanto eu estiver fora, se te constar que a Leopoldina vem por cá, avisa a Luísa! Porque ela é assim: esquece-se, não reflexiona. (posição 795).

O próprio Eça destaca, em carta a Teófilo Braga publicada ao final de *O Primo Basílio*, as características da personagem que refletiam os costumes da época, o que pretendia o romancista combater através de sua obra:

[...] a senhora sentimental, mal-educada, nem espiritual (porque cristianismo já a não tem; sanção moral da justiça, não sabe a que isso é), arrasada de romance, lírica, sobreexcitada no temperamento pela ociosidade e pelo mesmo fim do casamento peninsular que é ordinariamente a luxúria, nervosa pela falta de exercício e disciplina moral, etc., etc. - enfim a burguesinha da Baixa. (QUEIROZ, 1878, p. 412).

Pode-se afirmar que pretendia o escritor destacar, através da personagem Luísa, a vida ociosa das mulheres burguesas daquela época, a futilidade quanto à preocupação com a moda e o tempo que passavam a ler histórias românticas. Como consequência dessa falta de profundidade emocional, dessa falta de preparo para a vida real e desse excesso de “romantização”, Luísa acaba sendo influenciada pela personalidade envolvente do primo Basílio, rendendo-se a suas investidas.

⁹ “Personagem redonda: personagem que apresenta várias qualidades ou tendências e, por essa razão, é multiforme, complexa, eliminando qualquer possibilidade de simplificação.” (BRAIT, p. 89).

Depreende-se da história que Luísa é fraca fisicamente e moralmente: ela primeiro trai, vítima das circunstâncias em que se deixou envolver por Basílio. Posteriormente se mostra novamente fraca por todos os medos que a tomam: tinha medo ver seu casamento arruinado, medo da raiva do marido, de ter sua reputação abalada, medo de ir para o convento, medo da vergonha que sentiria e medo de perder a todas as comodidades de sua vida burguesa. E é por isso que Luísa torna-se refém das chantagens da criada Juliana, sujeitando-se às suas ordens: ela é moralmente frágil e não tem forças nem para vencer as tentações nem para assumir seus erros e arcar com as consequências de seus atos. Assim, considerando a moralidade da época e todas as impressões deixadas por Eça de Queiroz em relação ao feminino, não surpreende o fim da personagem Luísa, que acaba sendo vítima de sua própria fragilidade física e moral e morre de uma febre após ter seu romance com Basílio descoberto pelo marido Jorge.

JULIANA, A EMPREGADA

Apesar de ser uma personagem secundária do romance eciano, Juliana é chave-mestra para o desenvolvimento do enredo. Descrita com minuciosos detalhes pelo escritor português, o que caracteriza a personagem como do tipo redondo, a empregada é a representação sintética da classe trabalhadora da época. Ela é descrita fisicamente como uma mulher de aproximadamente quarenta anos e muitíssimo magra, com feições miúdas, espremidas e amareladas. A personagem trabalhava como criada havia vinte anos, mas nunca se conformara com este trabalho. Com uma vida difícil, sonhava ascender financeira e socialmente.

Utilizando-se do recurso da analepse, a narrativa esclarece ainda sobre o passado de Juliana e molda os elementos psicológicos que compõe a personagem, descrevendo sua origem social, sua vida servindo como criada, o ressentimento que vai acumulando em relação aos empregadores, sua saúde debilitada, seu temperamento difícil, das suas atitudes desconfiadas e vigilantes. Juliana estava propositadamente em busca de um segredo que pudesse usar e beneficiar-se de alguma forma.

A descrição das características da personagem, físicas e psicológicas, já tem uma conotação negativa e provoca ao leitor uma certa antipatia por Juliana, mas são justamente tais características que possibilitam ao autor tornar a personagem um importante elemento na construção do conflito. Tudo o que impele Juliana a chantagear Luísa são todas as humilhações, as muitas decepções sofridas e a consciência de que não havia mais

possibilidade de mudar de vida. Juliana vê no segredo da patroa a possibilidade de não mais servir até a velhice como criada, especialmente na casa de Jorge e Luísa, onde as condições de trabalho e moradia eram péssimas, como se observa no trecho a seguir:

A tia Virgínia deixara três contos de réis a Jorge - e ela, ela que durante um ano fora a enfermeira, humilde como um cão e fixa como uma sombra, aturando o mostrengo, tinha em paga ido para o hospital, com uma febre, das noitadas, das canseiras! Julgava-se vagamente roubada. Começou a odiar a casa! Tinha para isso muitas razões, dizia: dormia num cubículo abafado; ao jantar não lhe davam vinho, nem sobremesa; o serviço dos engomados era pesado; Jorge e Luísa tomavam banho todos os dias, e era um trabalhão encher, despejar todas as manhãs as largas bacias de folha; achava despropositada aquela mania de se porem a chafurdar todos os dias que Deus deitava ao mundo; tinha servido vinte anos e nunca vira semelhante despropósito! A única vantagem - dizia ela à tia Vitória - era não haver pequenos; tinha horror a crianças! Além disso achava que o bairro era saudável; e como tinha a cozinheira "na mão", não é verdade? havia aquele regalo dos caldinhos, de algum prato melhor de vez em quando" por isso ficava. senão, não era ela! Fazia, no entanto, seu serviço, ninguém tinha nada que lhe dizer. O olho aberto sempre e o ouvido á escuta, já se vê! (QUEIROZ, 2015, posição 429).

Juliana, dentre todas as serviçais que aparecem na obra, é a única que denuncia as péssimas condições de trabalho dos empregados daquela época através de sua inconformidade com a vida que levava. Joana, a outra criada da casa, vê a subalternidade como uma cruz a ser carregada, juntamente com os outros problemas que a vida lhe traz. Não há na personagem, ao contrário de Juliana, nenhum traço de revolta ou inconformidade com seu papel naquela sociedade. Já Juliana se queixa, *e.g.*, de ser obrigada, todos os dias, a acordar cedo e ter que fazer serviços árduos, principalmente para ela que tinha a saúde frágil, o que dificulta ainda mais a relação entre ela e Luísa.

Luísa e Juliana estabelecem sua relação empregatícia quando, após a morte de sua tia, Jorge leva Juliana para trabalhar em sua casa. A criada servira a tia de Jorge muito bem, até seus últimos dias, e ele se sentia em dívida com ela. Luísa, por outro lado, não gostava de Juliana e a tratava com muita hostilidade, como nos mostra o seguinte trecho:

Os coletes não estavam prontos, disse com uma voz muito lisboeta, não tivera tempo de os meter em goma. - Tanto lhe recomendei, Juliana! - disse Luísa. - Bem, vá. Veja como se arranja! Os coletes hão de ficar à noite na mala! E apenas ela saiu: - Estou a tomar ódio a esta criatura, Jorge! Há dois meses que a tinha em casa, e não se pudera acostumar à sua fealdade, aos seus trejeitos, à maneira aflautada de dizer *chapiou, tisoiras*, de arrastar um pouco os *rr*, ao ruído dos seus tacões que tinham laminazinhas de metal: ao domingo, a cuia, o pretensioso do pé, as luvas de pelica preta arrepavam-lhe os os nervos. -Que antipática! (QUEIROZ, 2015, posição 167).

Cabe ressaltar que, embora Luísa e Juliana mal suportassem uma a outra, cada uma exercia seu papel social de patroa e criada. Juliana reconhece a autoridade que aquela exerce

na casa e sua função como criada de fazer os serviços com eficiência e sua submissão aos patrões, até que vê na carta escrita por Luísa para Basílio a oportunidade de mudar sua vida, utilizando-se do artil da chantagem e comprovando sua fealdade moral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todas as considerações tecidas no presente trabalho, conclui-se que Eça de Queiroz não poupou as personagens femininas em *O Primo Basílio*, usando-as como meio de proferir duras críticas às mulheres lisboetas do século XIX. Pode-se afirmar ainda que as personagens estudadas no presente trabalho se opõem, mas também dividem características em comum. Primeiramente, se opõem porque estão sempre em confronto e em polos distintos de uma relação de poder, visto que Luísa e Juliana são representantes de classes sociais distintas, com uma questão de subalternidade introjetada nessa relação em razão do vínculo de trabalho existente e, após, pela chantagem estabelecida: quando Luísa encontra-se no poder enquanto patroa, Juliana se submete a ela e, depois da descoberta do segredo do adultério, Juliana passa a chantagear Luísa, assumindo esse poder e submetendo a patroa às suas vontades. No entanto, no que se refere às personalidades das personagens criadas por Eça de Queiroz, Luísa e Juliana estão do mesmo lado, posto que ambas são descritas como fracas de caráter, de moral duvidosa, frutos do seus meios. São mulheres que fantasiam com uma vida que não podem ter em detrimento das suas realidades e, ao final, acabam tendo o mesmo destino: a morte. E foi através destas duas personagens que o romancista português expôs a fragilidade das famílias lisboetas e a desigualdade social entre as classes da Portugal do século XIX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAIT, Beth. **A Personagem**. 3. ed. São Paulo: Editora Ática S. A., 1985.

LONGOBARDI, K. J.; QUEIRÓZ, J. M. de. **O Primo Basílio**: o conflito doméstico entre patroa e empregada na obra de Eça de Queirós. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2015_1456149443.pdf>. Acesso em: 20 set. 2017.

MEDINA, João. **O centenário de *O Primo Basílio***: Luísa ou a triste condição (feminina) portuguesa. Colóquio/Letras. Nº 46, ano 1978, p. 5-10.

MOISÉS, Massaud. **A Literatura Portuguesa**. 24. ed. São Paulo: Cultrix, 1988.

_____. **A Literatura Portuguesa Através dos Textos**. 33. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

QUEIROZ, Eça de. **O Primo Basílio**. Edição eletrônica (Kindle). Rio de Janeiro: Edições Best Bolso, 2015.

QUEIROZ, Eça de; ORTIGÃO, Ramalho. **As Farpas (1871 a 1878)**. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br>>. Acesso em: 1 out. 2017.

SILVA, J. S. **As Mulheres em *O Primo Basílio***. Disponível em: <http://www1.uefs.br/nep/labirintos/edicoes/02_2009/09_artigo_jacicarla_souza_da_silva.pdf>. Acesso em: 30 set. 2017.